

# **ALIENAÇÃO E FETICHE: DESDOBRAMENTOS NO TRABALHO REALIZADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Laís Leni Oliveira Lima  
Universidade Federal de Goiás-Campus Jataí  
laisleni@yahoo.com.br

## **CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS**

Este trabalho aborda os diferentes desdobramentos da alienação e do fetiche da infância no trabalho realizado pelas trabalhadoras<sup>1</sup> das instituições de Educação Infantil (EI) do Sudoeste Goiano<sup>2</sup>. O fetichismo é um fenômeno próprio do mundo da cotidianidade alienada, isto é, um desdobramento da alienação, é a naturalização de algo social. Propomos a discussão a partir de Marx. Faz-se necessário entendermos a concepção de trabalho em Marx para depois analisarmos as idéias que fundamentam o trabalho das profissionais da EI, e construirmos a crítica às várias formas de fetichismos existentes nesses espaços. Balizamos as reflexões sobre trabalho, educação, sociedade, fetichismo, alienação em Marx (1975, 1993, 1998), Engels (2002); Mészáros (2002, 2005), Mascarenhas (2002, 2005), Frigotto (1989), Duarte (2004), dentre outros. Vários desdobramentos ficaram patentes, ao longo das investigações. O trabalho realizado pelas trabalhadoras é influenciado pelo movimento de fetichismo da infância, da família, de sociedade, de educação, dentre outros.

## **DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO**

O trabalho nas instituições de EI é configurado por condicionantes mais próximos e imediatos que não podem ser apreendidos sem se considerar a realidade concreta dessas instituições. Como afirma Marx (1975) não há realidade simples porque ela é síntese de múltiplas determinações. Nosso referencial de análise é o método dialético-histórico, o qual está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida, como afirma Frigotto (1989). O objeto de estudo é visto em sua objetividade, pois,

---

<sup>1</sup> Durante a pesquisa, não encontramos nenhum trabalhador docente do sexo masculino, havendo predominância de mulheres em todos os segmentos pesquisados. Por isso, usaremos em todo texto a flexão no feminino

<sup>2</sup> O Sudoeste Goiano é composto por 26 municípios. Os critérios de seleção desses municípios, a princípio, foram os que passaram pelo processo de modernização agrícola, considerados por pesquisadores – Oliveira (2004) e Leal (2006) – como mais modernos.

da forma como se apresenta, não é transparente, há uma nebulosidade que se instaura nele e que o envolve; assim, fez-se necessário perceber sua aparência para chegar a sua essência. Se compreendermos esse pensamento de forma científica, ele não pode apanhar essa realidade imediata tal como se encontra, é preciso comprometer para além do que é aparente, porque o que é aparente não revela a realidade efetivamente. Há uma necessidade de que, para compreender como o movimento de fetichismo da infância influencia nas diferentes faces do trabalho realizado na EI, é preciso ir além de sua representação fenomênica, de sua imediaticidade e de suas proposições, é preciso compreendê-lo por meio de uma postura epistemológica que revele os nexos constitutivos, ou seja, quais elementos permitem entender a essência desse objeto.

Fazer uma investigação nessa perspectiva, é fundante que a ciência atue como esclarecedora daquilo que não se manifesta. Ela deve se pôr contra a afirmatividade da realidade, tornando a negação dessa realidade. É isso que Marx afirma: é preciso um método que tire a opacização da realidade, compreendendo que essa realidade não é transparente, porque a forma como ela é produzida não é transparente, visto que há uma distinção entre as coisas como aparecem e como o são na realidade.

Buscamos na literatura, proposições teóricas que fundamentam a categoria trabalho como atividade ontológica do ser humano, que analisa as profundas contradições engendradas pelo sistema capitalista, as políticas neoliberais que afetam profundamente o mundo do trabalho, bem como o movimento de fetichismo que tem povoado o universo das trabalhadoras da EI.

Utilizamos diferentes recursos metodológicos para apreensão e compreensão deste objeto de estudos: pesquisa bibliográfica, análise documental, questionários, entrevistas e observações dos espaços de trabalho da trabalhadora da EI. Este caminho foi fundamentado em diferentes autores: Frigotto (1989), Santos Filho e Gamboa (2001). As observações, os questionários e as entrevistas permitiram elaborar reflexões dos diferentes aspectos constitutivos do trabalho desenvolvido nas instituições pesquisadas. No caso das entrevistas, estas se deram com os rigores éticos necessários à pesquisa: os participantes foram consultados previamente e esclarecidos da proposta do trabalho.

## **FETICHISMO: DESDOBRAMENTO DA ALIENAÇÃO E FENÔMENO DA COTIDIANIDADE ALIENADA**

Como afirma Duarte (2004) uma das características do processo que leva ao fetichismo é o fato de que as pessoas só veem aquilo que está imediatamente presente e não consegue perceber o fato imediato a luz da totalidade social. O fetichismo é um fenômeno próprio do mundo da cotidianidade alienada, isto é, um desdobramento da alienação, é a naturalização de algo social.

O termo alienação<sup>3</sup> aparece e se funda nas mais diferentes formas do pensar e com significados diferentes nos mais diversos momentos históricos. Entretanto, só se constituirá como um conceito filosófico com maior significado ao longo do processo histórico, a qual tem seu amadurecimento com o surgimento da sociedade capitalista, bem como, sua generalização com a forma específica da mercadoria.

Segundo Abbagnano (1999), esse vocábulo remonta, em português, ao século XVI; entretanto, o mesmo já aparecia na Idade Média no século XII. Nessa época, esse termo tinha um significado religioso, estado de transfiguração da mente “terceiro grau de elevação da mente a Deus (depois da dilatação e da sublevação)” (p. 24). Outros significados integram ao vocabulário de Direito: alienação de bens, de terra; da Psicologia e Psiquiatria: alienação mental. Marx constrói o conceito de alienação não de forma linear, mas a partir de discussões com Hegel e Feurbach. O aparecimento desse termo se deu de formas diferenciadas, em várias análises da sociedade capitalista.

Em o “Para a crítica da economia política”, Marx (1978) se coloca diante das concepções de análises a respeito da alienação em Hegel e Feuerbach, criticando e superando-as. A alienação não pode ser entendida como uma dimensão da natureza humana, pois dessa forma, seria impossível a compreensão dos aspectos que constituem esse processo. As análises de Marx esclarecem que a alienação está relacionada às condições concretas em que as objetivações humanas se processam e isso não é possível ser identificado pela aparência, porque, segundo ele, o produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, se transformou em coisa física, é a objetivação do trabalho. Esse trabalho, ao ser objetivado como mercadoria, o trabalhador se desumaniza e o trabalho passa a significar perda de si. Essa perda é a “alienação”, “estranhamento”, como afirma Marx (1993):

---

<sup>3</sup> Alienação é um conceito utilizado por Marx para explicar as relações dos homens entre si e dos homens com seu produto de trabalho – uma relação de “estranhamento”.

No mundo real prático, a auto-alienação só pode revelar-se através da relação prática, real, a outros homens. O meio pelo qual a alienação ocorre, também é *prático*. Por conseguinte, o homem, através do trabalho alienado, não só produz a sua relação ao objecto e ao acto de produção como a homens estranhos e hostis, mas produz ainda a relação dos outros homens à sua produção e ao seu produto e a relação entre ele mesmo e os outros homens. Assim como ele cria a sua produção como desrealização, como a sua punição, e o seu produto como perda, como produto que não lhe pertence, da mesma maneira cria o domínio daquele que não produz sobre a produção e o respectivo produto. Assim como aliena a própria actividade, da mesma maneira outorga a um estranho a actividade que não lhe pertence (p. 168, grifos no original).

Para Marx, o processo de alienação do trabalho origina de seu processo de objetivação, tendo como ponto de referência a universalidade do trabalho. O processo de alienação do homem na sociedade capitalista concebe o homem como ser genérico que se “dissolve” na economia capitalista, isto é, o reconhecimento do sujeito é negado. Assim, o trabalho que o homem põe no objeto lhe é estranho. Nas palavras de Marx (1993): “No estranhamento do objeto do trabalho só se resume o estranhamento, a alienação na atividade mesma do trabalho” (p. 159).

A alienação, além de se revelar no produto do trabalho, revela-se em todo processo de produção, na atividade produtiva de seu próprio ser e dos outros homens, pois as próprias coisas, ao se constituírem, negam a própria natureza humana. Dessa forma, é impossível ao trabalhador estar numa relação alienada, no ato de produção e com o produto de sua atividade, e não se alienar, visto que todas as relações são alienantes.

A alienação se desdobra em diferentes formas na sociedade do capital. Um de seus desdobramentos é o fetichismo. Marx ao analisar a mercadoria, revelou nela seu caráter de fetiche. Para avaliar esse processo de fetiche, ele parte da compreensão efetiva da mercadoria, procurando tirar o véu místico que a cobre, desvendando sua aparência para chegar à sua essência e, para isso, ele vai além dos limites da sociedade capitalista e faz uma reflexão de toda Época Moderna e de seus pressupostos objetivos e subjetivos. É mediante essa análise que é possível ter uma melhor compreensão sobre o fetichismo.

Em diferentes momentos históricos e formas de produção, o fetichismo se junta às relações sociais e nelas se incorpora. Porém, é preciso desvelar seu verdadeiro caráter alienador para que ele possa perder sua eficácia e ser desmascarado. É por esse motivo que a burguesia tanto se empenha em encobrir a natureza real dos

acontecimentos históricos bem como das coisas que fazem com que a essência se esconda na aparência. A forma fetiche é uma forma que inverte a realidade. É uma forma aparential, é a forma de manifestação em sua parte, em seu singular, usando a expressão de Marx “de cabeça pra baixo”. Porém ele afirma que não é o sujeito que está de “cabeça para baixo”, mas é a realidade que se encontra invertida.

Entre os muitos fetiches produzidos por essa sociedade, temos o da trabalhadora da EI, em que se considera que basta ter amor para atuar nessa etapa de educação. Essa concepção, apoiada em outras situações fetichizadas, em que advoga que a educação escolar é desenvolvida espontaneamente em cada pessoa, apresentam ser promotoras da liberdade, enquanto que, na verdade, escravizam as pessoas à espontaneidade de processos sociais e naturais, mesmo não tendo essa consciência.

Marx ao compreender a lógica econômica objetiva da sociedade capitalista, fez a crítica ao fetichismo da mercadoria. Objetivamos nessa pesquisa, compreender a lógica em que se estrutura o mundo do trabalho da EI para assim entendermos os desdobramentos das relações fetichizadas que se desenvolvem nessas instituições. Para fazermos uma crítica às diferentes faces do trabalho realizado nas instituições de EI, é preciso “descobriremos” os segredos que levam a esses fetiches.

Partirmos das teorias marxianas para entendermos a concepção de homem e trabalho em Marx para depois analisarmos as idéias que fundamentam o trabalho das profissionais da EI, e construirmos a crítica às várias formas de fetichismos existentes nesses espaços.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para Marx (1993) o que distingue o homem dos animais é sua capacidade de ação transformadora consciente. Essa é sua concepção de homem. Nesse sentido, partimos do princípio de que é a partir do trabalho, em sua relação cotidiana, que o homem se constitui como tal. Pelo trabalho, ele se relaciona com os outros seres humanos e relaciona-se com a natureza, transformando o mundo e a si mesmo. Entretanto, sob a égide do capital, o trabalho se torna alienado, estranhado e fetichizado. Esse estranhamento se manifesta nos mais diferentes espaços de trabalho, por exemplo, nos espaços das instituições escolares.

Quando transportamos o conceito marxiano de trabalho para o trabalho pedagógico na EI, determinadas especificações precisam ser feitas em relação a

configuração do trabalho na EI. Apesar de essa nova forma societal exigir um trabalhador com diferentes “habilidades”, ou seja, que domine todo processo de trabalho – planejamento, execução –, isso nos remete a uma reflexão sobre o aspecto social da dualidade do trabalho, ainda muito presente nas instituições de EI – funções intelectuais/pedagógicas *versus* funções instrumentais. O processo de consolidação da sociedade capitalista, que “separou as mãos do cérebro”, pode-se dizer que é uma falsa separação. Entretanto, esse processo subsiste nas práticas cotidianas, especialmente nas instituições de EI – as quais ainda reforçam que as atividades realizadas no interior das instituições, que não têm a “forma escolar” –, é menor, isto é, é menos valorizado, porque está relacionado ao domínio da prática. Na verdade, essa separação entre quem cuida e quem educa pode levar a impressão de que o trabalho pedagógico na instituição de EI se encontra subordinado ao modo de produção capitalista. Segundo Freitas (2007) as mãos só estão separadas do cérebro na ossatura dessa sociedade da morte, que é a sociedade salarial; segundo ele, é uma separação inconsistente e irreal.

Se analisarmos o processo histórico, da constituição das instituições de EI, verificaremos que as mesmas surgiram acompanhando a estruturação do capitalismo, a crescente urbanização e a necessidade que o capital teve da reprodução da força de trabalho, e aqui se destaca a força de trabalho das mulheres, para produzir mais “capital”, essas precisaram de um lugar para deixar os filhos. Essa ideologia assistencialista ainda subsiste nas instituições de EI.

Para que o trabalho realizado com crianças menores de cinco anos atenda, de fato, o direito de todas as crianças a uma educação de qualidade, que pretenda ser efetivamente humanizado, é preciso se direcionar na contramão da concepção fetichizada que naturaliza a infância. Faz-se necessário compreender a EI no processo histórico e social de formação de seres humanos, dessa forma, a trabalhadora que atua nessas instituições deve ser aquela que promova o desenvolvimento e aprendizagem da criança, cuja prática docente esteja vinculada ao estudo, que possua conhecimento teórico e prático, uma trabalhadora responsável pela formação institucional da criança desde a mais tenra idade, pois entendemos que essa trabalhadora, juntamente com outros adultos que povoam a vida da criança, são os responsáveis para a completude de seu nascimento biológico e para o mundo social. Dessa forma, defendemos os espaços das instituições de EI como lócus de um trabalho pedagógico sistematicamente ancorado no domínio da ciência, independente da idade daqueles que atendem. Enfatizamos a necessidade da trabalhadora que atua nessa etapa de educação se assumir

como professora, como profissional do ensino, e isso inclui um profundo conhecimento a respeito da especificidade de cada etapa de desenvolvimento da criança. Essa concepção se distancia dos ideários que fetichizam a existência de crianças pequenas, imbuídas de supostas características autônomas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1999.

DUARTE, Newton (org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. São Paulo: Autores Associados, 2004.

FREITAS, Marcos Cezar. O coletivo infantil: o sentido da forma. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart (org.). **O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 7-13

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989. p. 69-90.

LEAL, Cátia Regina A. Almeida. “**Arapuca armada: ação coletiva e práticas educativas na modernização agrícola do sudoeste goiano**”. 2006. Tese (Doutoramento em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

MARX, Karl. **Capítulo inédito D’o capital: resultado do processo de produção imediato**. Porto: Publicação Escorpão, 1975.

\_\_\_\_\_. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosófico**. Textos filosóficos. Lisboa: Edições 70, 1993.

\_\_\_\_\_, ENGELS, Frederich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MASCARENHAS, Ângela C. Belém. **O trabalho e a identidade política da classe trabalhadora**. Goiânia: Alternativa, 2002.

\_\_\_\_\_. (org.) **Educação e trabalho na sociedade capitalista: reprodução e contraposição**. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

MÉSZÁROS, Istévan. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.

\_\_\_\_\_. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

OLIVEIRA, Breno Louzada Castro de Oliveira. **Educação e ruralidades jataienses**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

SANTOS FILHO, José Camilo dos e GAMBOA, Sílvio Sanchez (orgs.). **Pesquisa educacional: quantidade e qualidade**. São Paulo: Cortez, 2001.